

537 OL.



**HISTORIA**  
de **ZEZINHO**  
e **MARIQUINHA**

Livraria H. ANTUNES - Av. Mal. Floriano, 39 - Rio

**HISTÓRIA COMPLETA**  
**DE**  
**ZÉZINHO E MARIQUINHAS**

(Em verso e em prosa)



CUIDADOSAMENTE REVISTA  
E MELHORADA



LIVRARIA H. ANTUNES LTD.  
*Avenida Marechal Floriano, 39*  
RIO DE JANEIRO  
1952

**HISTÓRIA COMPLETA**  
**DE**  
**ZEZINHO E MARIQUINHAS**

Senhores, peça licença  
Na alta sociedade  
E também peço desculpa  
Da minha pouca habilidade  
Para contar esta história  
Que se deu numa cidade.

Era rico milionário,  
Era dono de milhões,  
Mandava em toda a cidade,  
Todas as repartições;  
Afinal satisfazia  
Muito bem suas paixões.

Toda regente de casa  
Reve procurar saber  
Reger a sua família  
Para nada acontecer;  
Eu agora vou contar  
O que foi um bem querer.

O pobre homem coitado,  
Por não possuir fazenda,  
Vivia de sapateiro,  
Trabalhando numa tenda,  
E tudo quanto fazia  
Só dava para a merenda.

Havia numa cidade  
Um homem de grã riqueza;  
Bem perto d'êle morava  
Um pobre por natureza;  
Tanta tinha um de rico,  
Como o outro de pobreza.

O rico, pobre de filhos,  
Só tinha uma filhinha;  
E como era filha única,  
No palácio era rainha;  
Chamava-se ela Maria  
Tratavam de Mariquinha.

O pobre homem coitado,  
No seu viver pobrezinho,  
Além de ter muitos filhos,  
Tinha um bem pequenino  
Que se chamava José,  
E tratavam de Zèzinho.

Mas, por dever sagrado,  
Mandou ensinar Zèzinho.  
A ler, escrever e contar,  
Com idade de 6 anos,  
Já bem sabia escrever,  
E da escrita estava ao par.

O ricaço milionário  
Mandou ensinar Mariquinhas  
E lhe deu uma criada  
Para não andar sòzinha.  
Pelas ruas da cidade,  
Quando ia e quando vinha.

Um dia em que Mariquinhas  
Passeava na cidade,  
Por lá encontrou Zèzinho  
Que era da sua idade,  
Foram juntos conversando,  
Cansagrada amizade.

Perguntou a êle quem era.  
Respondeu-lhe: sou seu vizinho,  
Como de fato êle era.  
Morador de bem pertinho.  
Até aí Mariquinhas  
Não conhecia Zèzinho.

Sempre foram andando juntas  
Todos três em companhia,  
Quando Zèzinho não fôsse,  
Mariquinhas lá não ia,  
Quando um passava tormento,  
O outro também sentia.

Pai e mãe de Mariquinhas  
Como não dizia nada,  
O destino de sua filha  
Não podiam compreender  
Podiam nunca saber.  
E o que queria fazer.

O amor vem pequenino,  
Desde o tempo de menino;  
E ainda quando Deus quer,  
Tendo amor ao seu vizinho  
De pequeno vai crescendo,  
De grande não perde o fino.

Mariquinhas, além de rica,  
Era linda, bonitíssima;  
Tinha uma côr morena,  
E uma feição felicíssima  
Assim em tôda a cidade  
Era ela a formosíssima.

Zèzinho, como pequeno,  
Não conhecendo o perigo,  
Perguntou à Mariquinhas:  
— Você quer casar comigo?  
Mariquinhas respondeu:  
Sim; quero casar contigo.

Afinal, neste namôro,  
Que lhe tinha amizade,  
E pediu um juramento,  
Perante a sua virgindade,  
O coração de quem ama  
Só sabe falar verdade.

Mariquinhas também jurou:  
Contra o gosto do seu pai;  
— Eu hei de casar contigo  
Assim vós não me enganai,  
Que o coração de quem ama,  
É lugar que ninguém vai.

Zêzinho então jurou:  
Perante Deus do Bonfim;  
Eu por ti darei a vida,  
Já que vós morreis por mim;  
Hei de morrer te amando  
Já que vós morreis por mim.

Mariquinhas depois de moça  
Da escola se ausentou;  
Essa ausência para Zêzinho  
Foi dôr que o trespassou,  
Pois naquelas corações  
A amizade aumentou.

Mariquinhas todos os dias  
Havia de ver Zêzinho,  
No dia que não o via  
Escrevia um bilhetinho;  
Tinha lugar apropriado  
P'ra conversar com Zêzinho.

Afinal, neste namôro,  
Passaram assim muito tempo  
Sem dos pais de Mariquinhas  
Levar ao conhecimento;  
Era de um amor sincero  
Meter outra pensamento.

Um dia em que Zêzinho,  
Chegando do seu brinquedo,  
Escreveu-lhe Mariquinhas,  
Foi descoberto o segredo;  
O que havia de ser tarde  
Apareceu muito cedo.

Por artes não sei de quem  
No outro dia cedo  
A mãe de Mariquinhas  
Encontrou um bilhetinho  
Na caixa de sua filha  
Com a firma de "Zêzinho".

A velha chamou a filha  
Em particularidade:  
— Minha filha vem contar  
A tua infelicidade,  
Responde a quem te pergunta  
Peço que fales a verdade.

— Minha mãe fale à vontade  
E, pelo bem que me quer,  
Hei de falar a verdade.  
Só se eu não souber;  
Porém, vou contar tudo,  
Se assim me convier.

— A razão foi um bilhete  
Que na tua caixa achei.  
De quem é aquela firma  
Que no bilhete encontrei?  
Para isso, minha filha,  
Aqui mesmo te chamei.

— Minha mãe, este bilhete,  
Quem mo deu foi o Zèzinho,  
E juramos nós casar,  
Se não houver descaminho,  
Pois eu tenho de amar  
A Zèzinho meu querido.

A velha quando isto ouviu  
Ficou logo sem sentidos,  
Fêz consigo um julgamento  
Do que tinha acontecido:  
— Ou eu sofro um castigo,  
Ou Zèzinho é prendido.

A velha disse ao marido:  
— Faça por ser cavalheiro,  
Olha que Mariquinhas  
Tem um pensar traçoeiro,  
E está sendo namorada  
Do filho do sapateiro.

O homem disse à mulher:  
Maldito seja o rapaz  
Mariquinhas sendo rica,  
Aquêles moço é muito pobre,  
Eu acho feio a família  
Que se abaixa sendo nobre.

Chamou Mariquinhas e disse:  
— Como procedia assim?  
Dona de tanto jardim;  
Sendo uma moça tão rica  
Querendo casar com um moço  
Tão pobre e fraco assim.

Mariquinhas respondeu:  
— A firmeza é de quem tem  
Se eu nasci p'ra Zèzinho,  
Zèzinho p'ra mim também,  
Se eu não casar com êle,  
Não caso com mais ninguém.

Eu mando prender Zèzinho,  
A sentença lhe vou dar;  
Depois que estiver preso  
Posso mandá-lo matar,  
Depois eu só quero ver  
Você com êle casar.

— Oh! meu pai! não diga isso!  
Eu não o acho exigente,  
Se eu mereço castigo,  
Por ser desobediente,  
Seja eu e não Zèzinho,  
Que vai sofrer inocente.

— Seja ou não inocente,  
Hei de cumprir o meu intento,  
Hei de lhe dar o castigo  
Igual a seu atrevimento,  
Disse isto para a filha  
Com um louco pensamento.

Mariquinhas foi p'ro quarto  
E começou a escrever;  
Recomendando a Zèzinho  
Como havia de fazer;  
— Nosso amor foi descoberto.  
Começamos a sofrer.

Às onze horas da noite  
Marcava o relógio em ponto  
Zèzinho estava esperando  
Para tudo estava pronto  
Então viu Mariquinhas  
E lhe deu cinquenta contos.

— Zèzinho tu te retires  
Logo que esta receber,  
Hoje, ausenta-te de casa  
Que meu pai vai te prender  
Tu sabes que êle querendo  
Manda tudo e tem poder.

— Zèzinho êste dinheiro  
É um sinal de firmeza,  
Você vai ganhar a vida  
Ver se arranja riqueza,  
Gasta só com precisão,  
Olhe! não caia em pobreza.

Logo — às onze da noite  
Quando estiver em silêncio  
Vem à porta do quintal!  
Com um respeito imenso  
Com minha moralidade  
Hei de fazer o que penso.

Zèzinho, vai-te embora,  
Para um lugar muito além,  
Que ninguém saiba de ti!  
E nem saibas de ninguém,  
Eu fico na esperança  
De quem teve e hoje não tem.

Zèzinho leu o bilhete,  
Ficou muito aborrecido,  
Imaginando a sua vida  
Do que tinha acontecido.  
Quando a tropa lá chegou  
Zèzinho tinha saído.

Zèzinho ficou pensando  
Em tomar o seu parecer:  
— Ausente de quem eu amo,  
Que prazer eu posso ter?  
Mas a sorte assim promete  
Que eu hei de aqui fazer?

Mariquinhas foi ao cofre  
"A noite era muito densa"  
E tirou cinquenta contos;  
Mas a riqueza era imensa;  
Quem do muito tira pouco  
Não se encontra a diferença.

— Zèzinho, tu te retires,  
Antes do dia romper,  
Quem se dispõe ter amor,  
Que alegria pode ter  
É a pior vida do mundo  
É melhor antes morrer.

Zézinho e Mariquinhas  
Quando assim se separavam,  
As tristezas foram tantas  
Que ambas bem choravam  
Vejam êstes dois amantes,  
Nesta hora como estavam.

Mariquinhas disse a êle:  
— Zézinho, tu vais com Deus,  
Leva êste meu retrato,  
Agora, quero um dos teus,  
Para de ti me lembrar,  
E tu te lembres dos meus.

E Zézinho despediu-se  
De sua mãe tão sagrada;  
E êle saiu chorando  
Com pena de sua amada;  
Seu coração foi partido,  
Sua alma repassada.

Zézinho embarcou cedo  
No pôrto desta cidade,  
Saltou em outro país,  
Entrou com cinquenta contos  
Com muita felicidade,  
Em uma sociedade.

Começou Zézinho a ganhar  
Era bom negociante  
E dentro de cinco anos  
Tinha dinheiro bastante,  
Êle mesmo se admirava  
Porque era principiante.

E dentro de sete anos,  
Era rico millonário;  
Dano de muitos milhões  
Com dez navios no mar,  
Todos com mui segurança  
Assim iria casar.

Zézinho com tal riqueza  
Que já era colossal,  
Tinha vontade de voltar,  
À sua terra natal,  
Para dar agradecimento  
À sua amada leaf.

Vinha ver o seu país  
Que era muito de ver;  
Tomar a benção a seus pais  
Que era de muito prazer,  
Apresentar os seus bens  
Que Deus lhe fêz obter.

Zézinho tinha riqueza  
Vinha muito satisfeito,  
Todo o tempo lá perdido  
Foi um tempo sem proveito;  
Além de um bom desgosto,  
Que ia mergulhar o peito.

Todo o tempo que Zézinho  
Desta terra esteve ausente  
Pai e mãe de Mariquinhas  
Se achavam mui contentes;  
Fizeram a filha casar  
Com um moço seu parente.

Este grande casamento,  
Toda o dia era pedido;  
Ela nunca dava o SIM,  
Sempre muito aborrecida,  
Só pensava em Zêzinho,  
Era um acabar de vida.

Foi até seu pai dizer,  
Que já era prevenção,  
— Se não me fizeres o gosto  
Não te ponho mais a benção,  
Veja se será melhor  
Tu viveres na maldição!

Sua mãe também lhe disse:  
É uma palavra escrita:  
— Minha filha você tem  
A nossa benção bendita,  
Se tu não me fizeres o gosto  
Da graça de Deus ficas maldita.

Se me fizeres este gosto  
Tu serás abençoada  
Mas se não o fizeres  
Serás amaldiçoada,  
Por mim e por teu pai,  
Da riqueza desprezada.

A desconsolada mãe,  
Pensava em seu coração,  
— Infeliz da criatura  
Que dos pais não tem a benção:  
Disse a seu pai que queria  
Conhecendo a provação.

Mariquinhas disse ao pai:  
— Está feita a vossa vontade;  
Peça a Deus tomar conta,  
"Como pai de caridade"  
Matai-me na mesma hora  
Com a minha virgindade.

Mariquinhas ainda disse:  
— Se me casar contra a vontade  
Eu hei de pedir a Deus;  
Matai-me por caridade,  
Para que Zêzinho saiba  
Desta contrariedade.

Quando a filha deu o sim,  
Seu pai ficou mui contente,  
Convidou os seus amigos  
Capitão, major, tenente,  
No dia do casamento,  
Apareceu lá muita gente.

Chegado que foi o dia,  
Mariquinhas se casou,  
Justamente neste dia  
Zêzinho desembarcou,  
Mariquinhas era casada  
Quando Zêzinho chegou.

Quando Zêzinho chegou  
Mandou logo embaixada  
Participar a seus pais  
A sua bela chegada,  
Vinha muito satisfeito  
Porque não sabia de nada.

Zèzinho nada sabia  
Mandou dinheiro a seu pai,  
Para festejar o dia,  
Na chegada de Zèzinho,  
Fôgo no ar subiria,  
Em honra de seu benzinho.

Mariquinhas quando soube  
Com pena ficou sentido,  
Quem jurou na cruz de Deus,  
Um amor, perante a vlda,  
Só pensava estar casada  
Sendo de Zèzinho querida.

Seu pai ficou muito alegre  
De ver seu filho contente,  
Que há dez anos completos  
Da sua casa era ausente,  
Foram tantos fogos no ar  
Que admirou muita gente.

Estava o palácio em festa  
No mais ornado salão,  
Homens de sabedoria  
De legenda e braço,  
Mariquinhas só chorava  
Sem maior consolação.

Mariquinhas observou  
Os foguetes que subiam,  
Perguntou a seus criados  
Os fogos de onde saíam  
Da casa do sapateiro,  
Os criados respondiam.

Mariquinhas escreveu  
Com tristeza e sentimento  
Participando a Zèzinho  
Como foi o casamento  
Antes queria que fôsse  
O dia do passamento.

— Posso ir observar  
As novidades que havia  
Se a senhora quiser,  
E o que puder opurar,  
Algumas coisa será...  
Aqui eu virei contar.

— Zèzinho meu, venha cá,  
Se é que tem amizade;  
Eu desejo de saber  
De tua felicidade,  
Também te quero contar  
A minha atroz crueldade.

A criada curiosa  
Mariquinhas lhe mandou,  
Ela foi silenciosa,  
Por lá tudo observou,  
Chegou a criada e disse:  
— Senhora, Zèzinho chegou.

Deu o bilhete à criada,  
Que depressa o levou,  
Encontrando-se com Zèzinho,  
O bilhete lhe entregou,  
Logo que fêz o mandado  
Muito depressa voltou.

Zèzinho leu o bilhete,  
Quis usar de violência,  
Pensou e pediu a Deus  
Que lhe desse paciência;  
Queria ver Mariquinhas  
Junto de sua presença.

Zèzinho safu de casa  
Sem saber o que fazia,  
Muito triste e aborrecido,  
Fora de tôda alegria,  
Sô pensando em Mariquinhas  
A quem éle tanto queria.

Zèzinho foi-se chegando,  
Dizendo: Aqui estou eu,  
Pediu a ela um abraço,  
Ela não fêz dũvida, deu...  
E neste abraço Zèzinho,  
Nos braços dela morreu!...

Mariquinhas ficou triste  
Quando o viu assim morrer,  
Chama a sua criada,  
Esta também veio ver,  
— Aqui está Zèzinho morto,  
O que havemos de fazer?

Pediu à sua criada,  
Que lhe desse um parecer,  
A criada disse a ela:  
— O que havemos de fazer?  
Tiramos Zèzinho daqui  
Suceça o que suceder!

Como era muito tarde,  
Da casa do sapateiro  
Naqule momento primeiro,  
Pegaram Zèzinho a pulso,  
O puseram na calçada  
"Isto fizeram ligeiro".

O sapateiro abriu a porta  
No outro dia cedinho;  
Olhando para a calçada,  
Já foi vendo o descaminho,  
E conhecendo então que era  
O cadaver de Zèzinho.

O que havia de alegria  
Foi tristeza atormentada,  
Puseram Zèzinho p'ra dentro  
Tiraram-no da calçada,  
Seu corpo tinha um sinal,  
Era o sua mão fechada!

Aí vieram doutores  
Daquela repartição,  
Nem um, nem outro sabiam  
"Foi uma admiração!"  
O que queria dizer:  
Ter fechada sua mão.

Os doutores vieram atã,  
Dizia uma velhinha:  
— Éle morreu de paixão  
Por um amor que lá tinha,  
Esta mão assim fechada  
Sô quem abre é Mariquinhas.

A velha saindo depressa,  
Foi indo com muito jeito,  
Na casa do milionário  
Chegou com muito respeito;  
Chamou em particular  
E o que pediu foi aceito.

Zèzinho então abriu a mão  
Até mudou de figura,  
Dentro da mão nada tinha  
Viram a verdade pura:  
Que a vida de Mariquinhas  
Zèzinho a tinha segura.

Foi chamado o milionário  
E Mariquinhas na frente  
De todos os convidados;  
Mariquinhas foi chegando  
Capitão, major, tenente,  
Com o semblante indiferente.

Pai e Mãe de Mariquinhas  
Cairam pela escada,  
No outro dia seguinte  
Foi êle sepultado,  
Acabou tudo em tristeza.  
E tornou-se a festa em nada.

Mariquinhas veio chegando  
Falando com voz altiva:  
— De que vale Zèzinho morto  
E eu sem êle ficar vivo?  
Morreu êle por ser amante  
E porque meu pai me priva.

Dizia o pai de Zèzinho:  
Então por meu filho morrer  
Eu devo morrer também?  
— A fortuna é de quem tem,  
Fico rico, milionário,  
Há males que vem p'ra bem.

Zèzinho abre esta mão!  
Já que morreste por mim,  
Já que por mim se acabou  
Eu por ti devo êste fim;  
Aí mesmo foi caindo  
Porque Deus o quis assim.

Zèzinho e Mariquinhas  
Pareciam ter combinado,  
Quem casou com Mariquinhas  
Morreu no mato enforcado,  
Acharam-no outro dia  
Na corda pendurado.



**HISTÓRIA COMPLETA**  
**DE**  
**ZÉZINHO E MARIQUINHAS**  
  
**(EM PROSA)**

Aquêlé travesso maroto, que os antigos chamaram Cupido, filho daquela coquete namoradeira como as que o são, nascida da espuma do mar, que seu marido Vulcano, coitado, foi um dia apanhar em doce idílio com o exmo. sr. Marte, marechal general das milicias celestes, com o que ficou furioso; êsse filho da exma. sra. D. Venus vinha uma tarde de seta em riste, quando se encontrou casualmente com o Zézinho e com Mariquinhas, que andavam a apanhar borboletas, espetando-as com alfinetes e pregando-as em cartões, para venderem por muito bom preço aos touristes que desembarcavam naquelas praias arenosas.

Zézinho e Mariquinhas eram positivamente duas pombinhas sem fel. Não eram, todavia, tão crianças que não soubessem já muita coisa que eu agora não digo. E Cupido, um menino que já conta não sei quantos milhares de séculos, sem perder a

vontade de brincar, tirou da aljava duas setas das mais aguçadas e zás, pespegou uma em cada um dos tais pequenos pondo-se logo na aragem; para não apanhar alguma pedrada.

Ainda não sabeis decerto quem eram as duas crianças, mas eu vou contar.

Numa cidade aí para o interior da Capadócia, confinante na Beócia, morava um alarve dos quatro costados, tão alegre como rico. Media as libras aos alqueires e tinha terras que não as corria num dia.

Perto do figurão, morava um pobre trabalhador, fraco e doente, que não ganhava para sustentar a mulher e cinco filhos. Tanto tinha um de rico como o outro de miserável, isto é, o rico era mais miserável que o pobre, porque não dava um ceutil a ninguém. Que digo? não dava aos pobres a comida que sobrava do jantar dos seus cães. Era o rei da cidade, mandava em tôdas as repartições, apesar de ser odiado por tôda a gente, porque o dinheiro é Rei e não havia capricho, desejo ou vicio que lhe não fôsse satisfeito.

O pobre sem nada de seu, vivia de sapateiro, não de obra nova, mas de consertos para os outros pobres que não lhe pagavam quase nada ou mesmo nada e o que ganhava mal chegava para comer uma vez por dia.

O rico, pobre de filhos, apenas tinha uma pequena, que era o "ai Jesus", e que era a rainha

da casa. Chamavam-lhe Mariquinhas porque era Maria.

O pobre, coitado, tinha uma ranchada de filhos e entre êstes um pequeno chamado José, que era tratado por Zèzinho.

Apesar de tanta pobreza, o pai mandou-o ensinar a ler, escrever e contar. Aos seis anos já sabia ler, o pequeno dava esperanças de vir a ser alguma coisa devido ao cuidado do pai, que não esqueceu os deveres dos pais pela educação das crianças.

O milionário mandou a filha ao melhor colégio da cidade, pagando largamente o ensino e dando-lhe uma empregada para a acompanhar nas idas e vindas ao colégio.

Um dia, passeando pela cidade, Mariquinhas e Zèzinho encontraram-se e sendo os dois da mesma idade, logo travaram conversa muito animada.

— Quem és tu? — lhe perguntou ela.

— Eu sou o vizinho, filho do sapateiro, moro ali quase ao pé da sua casa.

Até então Mariquinhas nunca tinha reparado no vizinho.

Foram andando assim por muito tempo, sempre conversando e a empregada atrás, sem dizer palavra.

Sem nada combinarem, o caso é que no outro dia lá foram os dois à mesma hora e lá se encontraram de novo. E isto continuou sempre; se um não encontrasse o outro, ficava triste e cheio de

saudades, não descansando enquanto no outro dia não sabia o motivo da falta e não atendia as desculpas que dava, as quais eram sempre motivadas por obstáculo doméstico.

Os pais de Mariquinhas não compreendiam a razão daquelas saídas tão prolongadas e cismavam sem atinarem com o motivo. Perdiam-se em conjecturas e ficavam sempre na mesma. Não imaginavam que era o amor o travesso menino que nasceu ao mesmo tempo que a humanidade. Amor que vem de Deus e que não acaba porque é eterno. Tudo no mundo obedece ao amor, que já existia antes de Deus criar o mundo e que sem êle não existiria.

Mariquinhas, além de rica era muito bonita: tinha uma côr morena, feições delicadissimas, sendo considerada em tôda a cidade a maior formosura da terra. Dizia-se que em chegando à idade de casar, sua mão seria disputada por todos os mais nobres e ricos senhores da redondeza.

Um dia Zèzinho, na ignorância do perigo em que se metia, perguntou à Mariquinhas:

— Você quer casar comigo?

Mariquinhas respondeu sem hesitar:

— Quero, sim, Zèzinho; já penso nisto há muito tempo, mas ainda não tenho idade.

— A idade, ela virá, já faltou mais e nós podemos esperar.

— Eu juro-lhe um amor eterno; jure-me também que me há de amar sempre.

— Juro pelas chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo que a mais ninguém amarei e que te amarei até à morte. Meu pai não há de querer; isto, porém, não importa, porque há de chegar o dia em que não precisarei da sua licença.

— Quem sabe se você virá a desdizer-se e me deixará triste e infeliz para toda a minha vida?

— O coração de quem ama não sabe mentir; alguém me obrigou a jurar?

— Pois bem, já que tenho o teu amor, juro pela Virgem do Rosário que por ti darei a vida, que amando-te morrerrei.

Estava já na idade em que as mocinhas pensam a ser moças e Mariquinhas ou antes seus pais, deram-lhe os estudos por acabados, retirando-a do colégio. Que tristeza para ambos! Não havia mais pretexto para aquêles encontros de cada dia, que tanto prazer lhes davam; veio a saudade, o desejo irreprimível de se verem, o amor manifestava-se mais intenso e convertia-se pouco a pouco em paixão mortificante.

O dia em que Mariquinhas não visse o seu bem amado Zèzinho, escrevia-lhe um bilhete em que lhe mandava a expressão da sua ternura. Com o tempo chegou-se a combinar as horas para as conversações.

Passaram-se assim muitos meses sem que o namoro fôsse descoberto pelos pais de Mariquinhas. Foi uma época relativamente bem feliz, porque

nem um nem outro eram assediados por desejos impuros; o seu amor era puro e inocente e no cérebro de Zézinho não germinava nenhuma idéia de sedução e para ser feliz bastava a presença da bem amada.

Um dia, quando Zézinho regressava da sua diversão, recebeu uma carta de Mariquinhas, em que lhe participava em palavras maguadas que o segredo estava descoberto. Não se sabia quem fôsse o infame ou a infame denunciante.

Na véspera dêsse dia, a mãe levanta-se muito cedo, fôra passar revista à mala da filha e encontrara um bilheteinho assinado por Zézinho.

Chamou a filha de parte e com palavras maternais, exigiu esta que lhe fizesse uma confissão completa do que chamou de suas culpas, donde provinha a sua infelicidade, recomendando-lhe, sobretudo, que não mentisse, porque assim evitaria maior desgosto.

— Minha mãe, respondeu ela, grata ao seu amor maternal eu não lhe quero mentir e tudo lhe contarei, tal qual como puder e souber (dizendo aliás para si, que só contaria o que lhe conviesse).

— Eu achei na tua mala um bilhete amoroso; quero saber quem é êsse Zézinho que vem assinado no papel. E' por isso, minha filha, que te chamei em confidência e novamente te peço não mintas.

— Minha mãe, êsse bilhete é do meu namorado Zézinho; juramos amor eterno e prometemos ca-

sar-nos. Conhecemo-nos de pequeninos, eu não quebro o meu juramento e só a morte poderá impedir-me de o cumprir.

A velha fêz um carão de palmo e meio; tomou um ar arrogante e com uma voz agastada disse a Mariquinhas:

— Eu vou falar com teu pai e quero ver se vocês se casam enquanto êle fôr vivo. Quanto a êsse biltre, já se lhe vai ensinar a pôr os olhos na filha do homem mais poderoso desta terra.

Mariquinhas viu logo no seu pensamento as conseqüências do que se estava passando: ella não escaparia de um severo castigo; Zézinho provavelmente seria prêso.

Pois bem, seria o que Deus quisesse, mas nada abalaria a sua resolução. Apesar de muito nova ella sentia-se com bastante firmeza para resistir a tudo, nos muitos inimigos de seu pai encontraria certamente algum que a protegesse.

A velha disse ao marido:

— Vou dar-te uma novidade que te vai deixar embasbacado.

— A tua filha...

— Ah?

— Morreu?

... Antes fôsse isso!

— Então que mais?

— Namora o filho ali do sapateiro...

— Ah?

— Querem casar...

— Oh, isso é que não! Uma família tão rica e nobre ir dar uma filha a um pobretão daquela espécie, era pior que dar uma queda de um elefante abaixo. Deixo-o comigo que o arranjarei.

Chamou a filha:

— Como é isto que tua mãe me contou? Uma moça rica, dona de quase toda a cidade, bonita como os amores quer casar com um João Ninguém.

— Não é João, é José.

— Pois seja lá José ou seja o diabo que o carregue. Em todo caso é um pobre diabo que não tem onde cair morto...

— Não precisa, eu tenho para mim e para êle.

— Tu não tens nada, ainda não herdaste, nem eu te dava dote.

— Êle ganhará.

— A deitar tombas em chinelos?

— E eu trabalharei.

— Vais ser lavadeira?

— Se fôr preciso...

— Que loucura!

— Zèzinho nasceu para mim; eu nasci para êle, e demais, Deus não abandona os que creem nêle e eu sou cristã. O pai guarde lá a sua riqueza e deixe-me na minha liberdade. Ou casar com Zèzinho ou deitar-me no poço; escolha.

— Pois bem, vai deitar-te no poço mas não casas. Zézinho vai já para a cadeia e depois... há tantas mortes repentinas...

— Oh, meu pai, não diga isso. Se me achar culpada porque resisto à sua vontade, castigue-me, mas poupe-me a éle, cuja única falta é amar-me muito, mas ainda por amor a vossa filha! E' um innocente!

— Pois seja ou não innocente, hei-de fazer o meu gosto: terá um castigo igual à sua audácia.

Estas palavras foram ditas com uma voz repassada de ódio.

Mariquinhas foi para o seu quarto e pôs-se a escrever, recomendando a Zézinho o que havia de fazer.

— Nosso amor foi descoberto; os sofrimentos vão começar, Zézinho, trata de te safares. Logo que esta recebas, não fiques em casa nem mais um minuto, que não só a tua liberdade, mas a tua vida corre grande perigo.

“Meu pai jurou-te vingança e é capaz de te mandar assassinar; bem sabes que éle é o mandão do lugar, faz o que quer e fica sempre impune.

“As onze horas da noite, quando tudo estiver em silêncio, vem à porta do quintal de modo que ninguém te sinta e então serás senhor do meu amor”.

Zézinho leu a carta e ficou mudo de estupefação. Na sua innocência tinha imaginado que o amor

era livre, que o amor que vem de Deus era permitido a tôdas as criaturas.

Ele não concebia que um bruto se ofendesse por alguém querer bem a sua filha.

Tratou logo de se precaver e, quando uma fôrça saiu da alçada do que queria para sôgro, lhe invadiu a casa para o prender, já êle estava longe.

Mariquinhas, apcsar da sua pouca idade, já conhecia bastante a vida. Foi ao cofre do pai e tirou cinqüenta contos, que fizeram tanta falta como cinqüenta pingos de água no mar, pois quem do muito tira pouco não lhe acha a diferença.

Quando o relógio batia 11 horas em ponto, estava Zèzinho esperando no ponto indicado por Mariquinhas, pronto para tudo.

Mariquinhas chegou e deu-lhe os cinqüenta contos em notas de banco.

— E' um sinal de minha firmeza. Vai, vai ganhar a vida; é um princípio que, bem governado, te pode fazer rico. Sé econômico e bem governado e não cairás mais em pobreza. Foge para um lugar distante, onde ninguém mais saiba de ti e onde não te possa alcançar o braço forte de meu pai.

Zèzinho ficou pensativo.

Tomar o conselho da donzela? Que prazer poderia ter ausente do seu amor, daquela a quem entregara a vida inteira, a quem jurara um amor para tôda a vida? Era, porém, fatal a decisão da sorte e não havia para onde apelar.

— Zèzinho, anda, retira-te, antes do dia romper. A ausência há de custar-te muito; a mim não me custa menos, mas sejamos fortes. Não há que fugir ao sacrificio quando o amor é verdadeiro. Um dia virão melhores tempos e a nossa constância será recompensada.

Enfim Zèzinho decidiu partir. Partido levava êle o coração, partida ficava de Mariquinhas a alma. Ao despedirem-se, as tristezas eram tantas, que os dois choravam convulsivamente.

Zèzinho não tinha pernas que o levassem dali. Ao dar-lhe o último beijo, Mariquinhas empurrou-o brandamente e só assim se decidiu a partir.

Entre soluços e lágrimas, Mariquinhas disse-lhe por fim:

— Zèzinho, tu vais e leva Deus por companhia, porque Deus ama os inocentes e tu nunca praticaste o mal, o meu espirito também te acompanha, e contigo vai também êste meu retrato. Mas quero também um dos teus porque ao contemplá-lo julgarei estar vendo-te como tu farás contemplando o meu. Adeus.

Zèzinho foi despedir-se de sua mãe, que idolatrava como a um anjo na terra. Foi uma cena nova de lágrimas.

A velhinha que êle jamais tornaria a ver lançou a sua benção e êle, com o coração despedaçado, cheio de saudades dos dois entes que tanto amava, lá se foi a caminho do mar,

Embarcou de manhã cedo no pôrto daquela mesma cidade. Longe, muito longe, desembarcou com os seus cinqüenta contos, entregando-se incontinenti ao comércio.

Era uma carreira que êle já tinha fantasiado, e para a qual se sentia irresistivelmente atraído. Ao fim de quatro para cinco anos, tinha adquirido alguma fortuna e possuia bastante dinheiro; êle mesmo se admirava, ao mesmo tempo que bendizia a Providência, que tão largamente o bafejara. Ao fim de sete anos, a sua fortuna aumentava prodigiosamente. Era milionário, senhor de muitos milhões, com dez navios no mar, todos com a maior segurança, e que lhe garantiam o bem-estar para quando se casasse com aquela que, dando-lhe o seu amor, lhe dera também os meios de adquirir aquela fortuna.

Lamentava agora não a ter trazido, mas, não partindo dela a proposta, nunca se teria atrevido a propor-lhe.

Zèzinbo, com tal fortuna, que já era colossal, estava com vontade de regressar à sua terra natal. Em primeiro lugar, tinha de dar agradecimentos à sua amada.

Iria ver seus pais cujas saudades o punham acerbamente e ao mesmo tempo cumprir o grato dever de tomar as bençãos de seus velhos pais, o que seria de grande prazer para êle enfim, fazer saber aos seus conterrâneos que já não era um pobre-lão como tinha saído de lá.

Rico de bens de fortuna, Zézinho, satisfeito, dava por bem empregado o tempo passado nessas longínquas terras.

Esperava-o, porém, o maior desgosto que pode ter um coração amante.

Muito satisfeito com a sua ausência, o pai e a mãe de Mariquinhas haviam-na forçado a casar-se com um moço seu parente.

Porfiada foi a luta, em que por fim saíram vencedores. O moço renovava todos os dias o pedido, ela nunca dava o sim.

Tantos pedidos não faziam mais que agastá-la porque só pensava em Zézinho. Era um acabar de vida. O pai usou, afinal, de um expediente.

— Se tu não me fizeres a vontade eu nunca mais te darei a benção. Vê lá se gostas mais de viver na maldição!

A mãe por outro lado perseguia-a:

— Manda o quarto mandamento que se deve honrar pai e mãe. A tua desobediência não nos honra, antes desonra. Por isso, segundo as escrituras, és uma filha maldita. Se fizeres o que te peço, tu terás minha benção; se na teima persistes terás a nossa maldição e serás desprezada por mim e por teu pai. Agora escolhe.

Pobre moça desconsolada!

Em seu coração pensava que seria uma desgraça irremediável não ter a benção dos pais e

assim persuadida (embora as benções dos pais pouco valham se são negadas injustamente), resolveu por fim sacrificar-se:

— Meu pai, está feita a vossa vontade; casarei, mas peça a Deus, nosso pai de caridade, que na mesma hora me leve com a minha virgindade.

Disse mais:

— Vós obrigais-me a casar contra a minha vontade mas a Deus hei de pedir que me leve para si, a fim de que Zèzinho saiba que o meu coração lhe foi fiel e que só à fôrça maior fui obrigada a ceder.

Grande alegria teve o vilão quando Mariquinhas deu o sim. Imediatamente convidou a parentela, militares, paisanos, as autoridades, tôda gente graúda da cidade e arredores, os amigos dos amigos.

No dia do casamento a igreja encheu-se de gente. Breve chegará o dia do casamento, mas oh ! fatalidade ! Nesse mesmo dia chegava ao pôrto o navio que transportava Zèzinho, que desembarcou. Mariquinhas estava casada !

Apenas chegou, Zèzinho mandou uma embaixada aos pais, fazendo-lhes saber que estava felizmente de volta.

Vinha muito satisfeito, pois de nada sabia. A sua alegria era extrema, e por isso mandou logo dinheiro aos pais para festejarem condignamente a sua chegada.

Assim se fêz: seu pai, imensamente alegre mandou comprar girândolas de foguetes, que à noite subiram ao ar.

O pobre velho não cabia em si de contente por tornar a ver o filho saído de casa dez anos antes. Os fogos no ar foram tais e tantos, que muita gente pasmou.

Ao ver aquella foguetada tão extraordinária, Mariquinhas, que observava da janela, perguntou aos seus criados se sabiam o que se passava em casa do sapateiro. A criada não sabia mas disse:

— Posso lá ir observar.

— Minha senhora, é uma grande festa porque o Sr. Zèzinho chegou.

Imagine-se como ficou o coração de Mariquinhas ao saber da alegre nova, que ao mesmo tempo era para ella tão triste.

Bem melhor fôra para ella ter morrido do que passar por perjura aos olhos daquele que amava e por quem morreria.

Reinava no palácio a festa e no seu coração a morte. As maiores notabilidades da terra enchiam o salão e só tristeza e dôr enchiam o seu coração.

Pegou uma pena e cheia de mágua e sentimento escreveu a Zèzinho uma carta que franca e ingenuamente lhe contava como tinha sido obrigada a aquêlê casamento, que ella queria que fôsse o seu funeral.

Contava-lhe as ameaças com que seus pais a haviam coagido a casar no fim de mil vèzes se ter recusado a isso e como, nímiamente religiosa, tivera mêdo das maldições com que era continuamente ameaçada.

Concluiu: "Zèzinho, se me tens amizade, vem cá, para que eu saiba da tua felicidade e contar-te igualmente as causas da minha crueldade".

A criada foi encarregada de ir entregar a carta, o que rápidamente executou, encontrando-se com Zèzinho, que a recebeu em mão, voltando imediatamente.

Zèzinho leu a carta e o leitor pode imaginar o desespero que se apossou do seu espirito ao intecirar-se de tão desoladora notícia. Pois êle havia trabalhado dez anos sem descanso, fiel a todos os juramentos para vir naufragar no pôrto, justamente no dia em que esperava receber o desejado prêmio de tantos sacrificios, de tanta felicidade! Não havia, pois, que confiar em juramentos de mulheres, eram tôdas o mesmo!

Que espantosa fatalidade! Pensou e pediu a Deus que lhe desse paciência. Queria ver Mariquinhas na sua presença, para lhe exprobrar a sua traição, para chorar junto dela a sua vida perdida, e a sua desgraça irremediável.

Que lhe importava agora a riqueza, se se considerava eternamente viúvo! Casar-se? Mulheres não lhe faltariam; a dificuldade seria só na esco-

lha, dada a sua grande fortuna; mas em quem confiar, se a sua Mariquinhas que era um anjo, lhe havia sido infiel, dêle não se tinha lembrado, fazia a sua desgraça, vendeu-o por umas bençãos que nada representavam nesta vida nem na outra.

Saiu de casa sem saber por onde nem para onde, triste, sem poder suster as lágrimas que lhe saltavam dos olhos contra sua vontade. Nenhuma idéia lhe cabia no cérebro, que não se referisse a Mariquinhas.

Afinal chegou a falar com a sua tão amada e disse-lhe: "aqui estou". Pediu-lhe um abraço, que ela não lhe negou.

Nesse abraço foi-lhe a vida. Foi tão forte a comoção de Zèzinho que o seu coração deixou de bater. Zèzinho caiu para o lado... estava morto... Morreu nos braços daquela a quem havia prometido a sua vida... morreu cumprindo a promessa feita a quem não cumpriu a sua. Quase sempre acontece assim!

O espanto, a desolação, a tristeza de Mariquinhas ao ver morto aos seus pés aquêle a quem sempre amara não se podem descrever. Chamou a criada:

— Vês aqui Zèzinho morto? Que vamos fazer agora? Dá-me um parecer, porque eu tenho a minha cabeça perdida.

— E' muito simples, primeiro é tirá-lo daqui, suceda o que succeder.

Como já era muito tarde, as duas pegaram no cadáver a pulso e rapidamente foram colocá-lo na calçada à porta do sapateiro.

Quando o outro dia muito cedo o sapateiro abriu a porta, deparou-se-lhe aquêlê espctáculo.

Quem tinha trabalhado dez anos para arranjar uma fortuna viera no seu pensar, morrer ao desamparo no meio da rua! Que tristeza do destino. As alegrias de véspera bem depressa se volveram em tristeza e dôr.

Meteram o cadáver para dentro de casa e notaram que tinha a mão direita fechada tão fortemente que não havia meio de abrir.

Chamaram doutores e com o maior espanto não houve meio de lhe abrir a mão. Que queria dizer aquella mão assim?

A velha, a pedido do sapateiro, dirigiu-se cautelosamente à casa do milionário, chamou de parte a Mariquinhas e pediu humildemente que fôsse abrir a mão do Zèzinho.

Mariquinhas não pôs dificuldades. Chamou o milionário e, seguida de tôda a tropa de convidados, pois ainda durava a festa, foram com Mariquinhas, à frente da casa do sapateiro. Então Mariquinhas, com ar firme e decidido, falou:

— De que me vale a mim viver, se Zèzinho está sem vida? Morreu de amor o pobre, porque assim o quis meu pai. Zèzinho, abre esta mão. Já

que por mim se acabou essa vida, que podia ser tão feliz comigo, eu quero também morrer por ti.

Disse e caindo ao pé do seu amado, ficou morta junto d'êle.

Tôda a gente percebeu que a vida de Mariquinhas estava segura na palma da mão do seu amado. E êste mudou de semblante, tomando um ar alegre.

O pai e a mãe de Mariquinhas caíram pela escada abaixo, mas não morreram infelizmente. Os dois infelizes namorados enterraram-se juntos. E assim acabou aquela história de amor.

Disse depois o pai de Zèzinho:

— A fortuna é de quem a tem. Por que o meu filho morreu, havia de eu morrer? Ficarei rico, milionário; há males que vêm para bem.

Aquêlc tipo com quem Mariquinhas foi obrigada a casar, enforcou-se. O seu corpo foi encontrado no mato pendurado numa corda.

4770

# COLEÇÃO POPULAR

(A CR\$ 4,00)

Declaração de Amor  
História da Princesa Magalona  
Dicionário das Flores  
Noite da Taberna  
João Calais

(A CR\$ 6,00)

Secretário Completo dos Amantes  
Livro de Ouro dos Namorados  
História de Antônio Silvino — Chagas Batista  
Anedotas e Poesias de Bocage — Cr\$ 7,00  
História de Pedro Malazartes  
Cinco Minutos — José de Alencar  
Oráculo ou a Leitura de Nossa Vida  
Elzira a Morta Virgem  
Iracema — José de Alencar  
Ubirajara — José de Alencar  
Livro Completo dos Sonhos — Cr\$ 8,00

## DIVERSOS

Manual Prático de Correspondência Comercial e Oficial ...	12,00
Novo Manual de Correspondência Familiar .....	12,00
Escrava Isaura — B. Guimarães .....	12,00
Moreninha — J. M. Macedo .....	8,00
Novo Manual dos Namorados (Tratado de Civilidade) .....	
Guia da Cozinha .....	12,00
Doceira Nacional — (Dona de Casa) .....	15,00
Orador Popular .....	12,00
Palavras Cínicas — A. F. Sampaio .....	12,00
Espumas Flutuantes — Castro Alves .....	20,00

## LIVROS ESCOLARES

### Obras de Maximiano Augusto Gonçalves

Noções de Matemática .....	20,00
Autores do programa de latim, 1.º Volume .....	15,00
Tradução das Cantilânias, de Cícero .....	35,00
Questões de linguagem, trechos para corrigir e corrigidos ..	35,00
Noções de Gramática Portuguesa .....	12,00
Noções de Geografia e História do Brasil .....	12,00
Noções de Aritmética .....	15,00
Fabulário em verso popular .....	25,00
Tradução de "Pro Archia", de Cícero .....	20,00